

Eder Soares Santos, IBPW/IWA/UEL-PR: entrevista concedida para Daniela Guizzo, IBPW/IWA*

**Link para a entrevista no Instagram do IBPW:
<https://www.instagram.com/p/CfaMhawINpO/>**

Daniela Guizzo

Éder, boa noite. Selecionei para esta entrevista alguns artigos seus, alguns trechos de artigos para ler com você, junto com o público, para falarmos sobre sua pesquisa, apresentar melhor todo o trabalho que você vem fazendo ao longo dos anos sobre Winnicott. Fiquei surpresa com a quantidade e a qualidade do seu trabalho.

Você me enviou treze artigos, três livros, sete capítulos em livros. Acho que nós, psicólogos, não produzimos tanto quanto vocês, filósofos. Eu queria começar esta entrevista perguntando-lhe sobre sua formação como filósofo, porque fiquei pensando na minha formação como psicóloga. Eu me formei na mesma época que você, em 96, e na faculdade de Psicologia pouco se escutava falar sobre Winnicott. Aí fiquei pensando que, na filosofia, menos ainda. Assim, eu queria saber como que foi para você a graduação em filosofia. Percebi que você já havia tido contato com Winnicott, tanto é que seu mestrado é de 2001, e você já fala de Winnicott ali. Queria que você nos falasse um pouco sobre sua história, seu primeiro encontro com Winnicott dentro do curso de filosofia.

Eder Soares Santos

Obrigado, Daniela, pelo convite, fiquei muito contente. É uma grande oportunidade poder dividir um pouco da minha trajetória aqui com vocês neste projeto que você conduz. Vi as outras entrevistas também, achei superbacana, fico muito feliz. Eu entrei na filosofia já com interesse na filosofia da psicanálise. E, inicialmente, meu interesse era Freud. Minha pesquisa de iniciação científica foi em Freud.

Comecei esse trabalho com o Loparic. Durante o trabalho de pesquisa com ele, e nas suas aulas, foi-me apresentado Winnicott. Havia já no Brasil certa recepção de Winnicott, mas na filosofia não. Quem começou essa recepção de Winnicott na filosofia, de fato, foi o Loparic. Ele é o responsável por introduzir o estudo desse autor na graduação em filosofia na Unicamp,

* Entrevista originalmente veiculada ao vivo no Instagram, em 29 de junho de 2022.

isso em 1997. Tanto é que acabei escrevendo meu trabalho de conclusão de curso sobre Winnicott. E o interessante dessa inserção é que, ainda que houvesse certa recepção de Winnicott na psicologia no Brasil, a inserção de Winnicott na filosofia aconteceu com os esforços e escritos de Loparic. Trabalho que tentei fazer na sequência também e que trata de realizar um estudo conceitual da obra, do trabalho de Winnicott.

Acho que esse é um diferencial que Loparic introduziu e que os orientandos pesquisadores que vieram após o trabalho dele têm procurado manter, que é fazer um estudo conceitual, aprofundado e sério do trabalho do Winnicott. Outra coisa que acho bastante interessante é que, a partir dessa introdução na década de 1990, o trabalho da pesquisa conceitual com Winnicott passa a ser um trabalho de pensar e pesquisar Winnicott por Winnicott mesmo, ou seja, Winnicott a partir da sua própria obra.

Para você ter uma ideia, quando comecei a trabalhar com Winnicott na Unicamp, havia uns cinco livros de Winnicott em português. Quando fiz o mestrado (1999-2001), comprei os livros em inglês, quase todos que havia disponíveis; depois doe-i-os para a biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. As primeiras obras no original que há lá de Winnicott foi eu quem doe-i. Comprei, com uma reserva técnica de pesquisa da Fapesp, e fiz a doação. Isso serviu para que outros pesquisadores tivessem acesso à obra original.

Isso é importante como metodologia de trabalho para pesquisa em Winnicott. Assim, em relação à filosofia e ao estudo conceitual de Winnicott no Brasil, a gente deve ao trabalho que Loparic começou. E foi por aí que eu comecei também.

Daniela Guizzo

Poxa, que bom que você fez essa doação dos livros!

Vou começar lhe perguntando sobre seus trabalhos iniciais. Percebi que eles giram em torno do conceito de angústia impensável. Em 2001, você já havia defendido seu mestrado, cujo tema é *As angústias impensáveis em relação à angústia de castração*.

Depois, em 2005, escreveu “O conceito de angústia no pensamento pós-metafísico”. Em 2011, “Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott”. Em 2013, “A angústia do ser e a angústia de ser”. E em 2016, “Pressupostos conceituais para a compreensão da angústia em Freud, em Winnicott”. Você tem tantos trabalhos, tantos artigos escritos sobre esse tema que, por exemplo, a entrevista de hoje poderia ser só sobre ele.

Vou tentar explorar seus outros artigos também, mas é inevitável a gente conversar sobre isso, a evolução dos seus estudos sobre a angústia. Eu que os li para esta entrevista, do primeiro, de 2005, até o último, de 2016, percebi que você evoluiu bastante sua escrita, seu amadurecimento em relação ao estudo desse tema específico.

Para a gente começar a conversar um pouco sobre o tema, vou ler um trecho e quero que você me fale e apresente para o público esse trabalho de muitos anos. Vou ler um trecho do artigo de 2005, “O conceito de angústia no pensamento pós metafísico”, no qual você escreveu: “...onticamente, as angústias impensáveis são as que melhor exemplificam o que o Heidegger está querendo dizer com a angústia originária. Ambas as formas de angústia se correlacionam quanto ao sentido do ser, seja porque uma abre a possibilidade da morte pela impossibilidade de estar aí, seja porque a morte se revela na impossibilidade de integração e aniquilamento.” Então, Eder, queria que você falasse um pouco sobre sua trajetória de pesquisar as angústias impensáveis e, especialmente, o ponto que selecionei aqui deste parágrafo, sobre a correlação entre a angústia originária de Heidegger e a angústia impensável de Winnicott.

der Soares Santos

O tema da angústia me fascina. É um tema de que gosto muito, a partir do qual comecei meu trabalho de pesquisa. Comecei trabalhando com o tema da angústia em Freud – que também é um tema fascinante dentro da obra do próprio Freud – porque permite que a gente atravesse toda a sua obra e perceba todas as mudanças que houve entre a primeira e a segunda tópica dentro da obra freudiana.

Trata-se de um tema maravilhoso de pesquisar – verificar os casos clínicos em Freud a partir do conceito de angústia. Assunto que, de início, já me interessava e me cativava. Depois, como disse, descobri Winnicott nas aulas com Loparic. Nessas aulas, a gente, na verdade, estava estudando Heidegger com Loparic. E, nelas, Loparic sempre puxava um pouco para uma conversa com Winnicott e, a partir daí, o tema das angústias impensáveis. Passei, então, a pesquisar o assunto em Winnicott também. Você pode imaginar o que é isso para um filósofo! O que pode significar pensar angústias impensáveis? Soa como uma contradição, e é uma contradição! O que é uma coisa que você não pode pensar, que você não pode imaginar, uma angústia impensável, uma agonia impensável?

Isso, por si só, já chama muita atenção, é um grande mistério. Acho que é um dos temas mais interessantes em Winnicott que se tem para pensar filosoficamente. Talvez, para quem está trabalhando com clínica – não é o caso dos filósofos –, seja mais fácil entender o sentido do que Winnicott quer dizer e pensar o que significa. Por si só, isso já é um desafio filosófico.

De qualquer modo, o tema me chamou atenção. E aí, pesquisando, sem pensar ainda em Heidegger, pensando em Winnicott e Freud, percebi que há algo muito diferente nas duas posições psicanalíticas. Quando você coloca angústia de castração, seja a primeira ou a segunda teoria de angústia, de Freud frente à teoria da angústia em Winnicott, temos posições muito diferentes. Eles estão falando de coisas muito diferentes. Uma angústia, a angústia em Freud,

está ligada à questão da representação, porque tem-se a ligação do afeto a alguma coisa. Essa angústia está ligada a uma pulsão, que precisa se ligar a um afeto para poder se tornar depois um sintoma. Porém, no caso da angústia impensável, você tem uma possibilidade de aniquilação e não tem representação. Ela é impensável porque não está ligada a uma representação.

Assim, são coisas totalmente diferentes. Isso já coloca o solo de outra discussão que vinha em paralelo no meu trabalho de pesquisa, que era como ler essas duas posições psicanalíticas: Freud e Winnicott. E ainda tem um meio termo que é Thomas Kuhn. Se for o caso, a gente pode falar disso. Mas, de qualquer forma, você tem duas coisas muito diferentes acontecendo na psicanálise, na teoria psicanalítica, só para falar da angústia, por exemplo.

Tem algo acontecendo em Freud, tem algo acontecendo em Winnicott, que são posições distintas quando colocam o que pensam sobre angústia. Por exemplo, você tem um caso clínico cuja direção de análise resulta em considerar uma neurose; num outro caso, você vai pensar isso em relação à psicose. Situações muito diferentes. E isso pensado apenas dentro do solo das teorias psicanalíticas. Como é que entra o Heidegger nessa história?

Um dos livros mais famosos de Heidegger é *Ser e tempo*, que apresenta uma analítica do Dasein, analítica do *ser-aí*. Esse *ser-aí*, para resumir, somos nós mesmos, no final das contas. Heidegger faz toda uma apresentação e tenta mostrar a compreensão que tem desse ente que nós somos e vai desenvolvendo essa analítica, ao ponto de mostrar que somos o tipo de ente que é capaz de compreender que existimos. Nossa compreensão nos permite chegar a um ponto em que somos levados a perceber que somos finitos. Somos finitos e percebemos isso na medida em que somos seres para a morte, ou seja, morremos, somos finitos e, com isso, nos angustiamos. Nos angustiamos diante do quê? Diante da nossa própria morte, nos angustiamos diante do nada. Isso nos abre para nossa angústia originária, a angústia mais fundamental desse ser que somos. Só que aí surgem certos problemas para se pensar, porque esta é uma análise ontológica. Isso quer dizer o quê?

É uma análise que pensa o ser em geral. Serve para mim, serve para você e para qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, porque somos todos seres finitos. E Winnicott está fazendo uma análise concreta, ôntica, não uma análise do ser em geral. Então, estamos diante de diferentes tipos de análises. Dessa forma, o primeiro problema que tento apresentar neste artigo é como ler Winnicott e Heidegger, porque são diferentes tipos de análises, e tento mostrar que eles não estão falando da mesma coisa, não é a mesma angústia, porque a angústia originária de Heidegger não é a angústia impensável de Winnicott.

O que há de interessante nas duas é que, na angústia originária, com a ideia de que somos finitos e seres para a morte, esse ser que somos nós tem que encarar certa situação que nos

remete a ter que lidar com a concretude do nada. No caso da angústia impensável, quem passa pela situação desse tipo de angústia também tem que lidar com a possibilidade de cair no nada da existência, no aniquilamento da existência.

Assim, está-se numa situação parecida, mas também oposta, num lado oposto. Digo situação oposta porque nós, enquanto *ser-aí*, temos a compreensão ou a possibilidade de compreender que somos seres para a morte; no caso do ente ou do bebê que está passando pela situação da possibilidade da angústia impensável, não há ainda compreensão para saber que ele é um ser finito, um ser para morte, para poder lidar com isso.

Tem-se aí uma situação oposta, mas ainda assim lidando com a mesma possibilidade de que o que a rodeia é o cair no nada, vamos dizer assim. Tem-se certa afinidade, pois ambas têm que lidar com a possibilidade da não-existência. Nisso há certa afinidade entre as duas possibilidades de pensar a angústia, a originária e a impensável.

No artigo, tento mostrar que elas *não* são as mesmas coisas, e são analisadas em níveis diferentes. Mas a partir daí, podemos começar a pensar em afinidades. Além dessas, tanto Heidegger como Winnicott estão colocados numa posição de pensar certas questões sobre o humano a partir de um pensamento pós-metafísico, no caso de Heidegger, e de um pensamento pós-metapsicológico, no caso de Winnicott – posição que seria, no final das contas, pós-metafísica também. E por esse sentido começa uma possível aproximação.

Daniela Guizzo

É interessante como um conceito, sobre o qual você vem se debruçando há muitos anos, também lhe deu margem para analisar “n” outros pontos da teoria do amadurecimento. Como, por exemplo, falando sobre a angústia impensável, esse artigo de 2011, “Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott”. Você vai para outras questões, vai para as questões das pulsões, e faz uma análise dos conceitos de trauma em Freud e em Winnicott.

Você se refere, por exemplo, à experiência do nascimento. Vou ler outro trecho para que você nos fale desses pontos para as pessoas saberem sobre seu trabalho e sua pesquisa. Você diz assim neste artigo de 2011: “Assim, para Freud, a experiência individual do nascimento seria importante, pois traços mnésicos da experiência determinariam o padrão de angústia durante a vida do indivíduo. Winnicott faz ressaltar a diferença entre experiência e trauma do nascimento. A experiência do nascimento, aponta Winnicott, nada tem a ver com a consciência da separação do corpo da mãe.” Fui lendo seus artigos de diferentes épocas – 2005, 2011, 2016 – e em cada um você amadureceu uma questão. Você pode falar um pouco sobre este artigo, no qual avançou para o estudo da diferença da questão pulsional, do trauma, da experiência do nascimento?

der Soares Santos

Achei esse artigo interessante de escrever porque não me concentro tanto em Freud, mas sim na leitura que Winnicott vai fazer de Freud. Essa observação que você leu é do próprio Winnicott. É interessante, porque Freud primeiro adere a uma tese do Otto Rank, que dizia que havia um trauma, que a partir do nascimento haveria algo do tipo, que o nascimento causaria um trauma na criança que provocaria angústia, ou que a origem da angústia estaria no nascimento e que isso provocaria um trauma. Freud, de início, adere a essa tese. Depois, em 1925, ele a descarta. Mais tarde, nas conferências de 1932, em uma conferência sobre a angústia das *Novas conferências sobre psicanálise*, ele volta a esta posição e, de certa forma, assume novamente a tese de Otto Rank de que no nascimento haveria um trauma e sobraria certa quantidade de energia que, restando no sistema psíquico, provocaria a angústia.

O interessante, neste caso, é que, assim como em outros momentos, algumas teses que Freud tinha já descartado antes da virada da primeira para a segunda tópica – lembrando que, na primeira tópica, a teoria da angústia é mais econômica e hidráulica do que na segunda – reaparecem de certa forma em 1932, na Conferência de 1932. E Winnicott retoma essa fala, essa citação de Freud para dizer “Não, isso não tem nada a ver, isso não acontece”.

Isso porque, para começar, a experiência de nascimento, o “trauma” de nascimento, normalmente não é traumática para o bebê. Winnicott vai diferenciar e poderia ter dito “Bom, só em certos casos há trauma, e aí sim terá significado para o bebê, aí sim poderá ter alguma consequência futura”. Mas o que ele dirá é que o bebê já está preparado para isso, que ele já se preparou para a experiência do nascer, que há um preparo para essa interrupção – a interrupção da continuidade de ser, do estado intrauterino para o extrauterino. O bebê já passou por vários pequenos momentos que o prepararam para essa pequena quebra de continuidade. E, depois, se tiver um bom ambiente para acolhê-lo, ele vai poder dar continuidade e voltar à sua continuidade de ser.

O trauma ocorre quando há ruptura na continuidade de ser para além do esperado e suportável. Winnicott diria “Isso não tem nada a ver com pulsão, isso não tem nada a ver com pulsão relacionado a objetos”. Eu quis trazer esse artigo para mostrar que Winnicott marca uma diferença em relação a Freud também nesse ponto. Marca uma diferença em relação à compreensão de Freud sobre experiências de nascimento. Marca uma posição muito diferente em relação a sua compreensão de angústia e também uma compreensão muito diferente da teoria das pulsões. Não há necessidade de pensar em pulsão (*Trieb*), no sentido freudiano, para pensar uma teoria da angústia.

Quando Winnicott pensa em trauma, ele está pensando em quebra da continuidade de ser, na falta de sustentação ambiental. Não está pensando em uma questão econômica de aumento ou diminuição de pulsões. Ele até dá um desconto para Freud, e diz algo como “Bom, dadas as condições que Freud tinha, ele só poderia pensar dessa forma”. Isso reforça a ideia, que eu já vinha trabalhando em outros artigos, de que há uma diferença, uma quebra, uma mudança de paradigma, e Winnicott reforça isso em vários momentos do seu trabalho.

Falando só da angústia, este é um momento em que Winnicott tenta deixar claro que se diferencia ou se distancia da posição freudiana.

Daniela Guizzo

E todos esses seus avanços acabaram se transformando também em uma dissertação de doutorado, “Winnicott e Heidegger: a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana”, que em 2010 virou livro. Acho que foi seu primeiro livro, que tem o título “Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos” e um prefácio luxuoso do nosso querido professor Loparic.

Vou explicar um pouco para quem está nos assistindo o que o professor Loparic falou sobre seu livro. Loparic afirmou que seu trabalho abriu espaço para uma dinâmica totalmente nova entre as duas disciplinas. Disse ainda que você retomou o problema da justificação do uso de Kuhn no estudo da história e das estruturas das teorias psicanalíticas e o desenvolveu no âmbito da filosofia contemporânea da ciência.

Professor Loparic também disse que o ponto decisivo do seu trabalho é mostrar que a temática heideggeriana do sentido do ser pode servir para encaminhar uma discussão filosófica das consequências da afirmação de Winnicott de que, na vida humana, o que está em jogo é bem mais o ser do que o sexo. Em seu doutorado, você teria deixado de continuar pensando sobre as angústias impensáveis e avançou para outro ponto específico, este que o professor Loparic aponta no prefácio, no qual diz que é o ponto decisivo do seu livro? Queria que você nos falasse um pouquinho sobre isso, sobre seu doutorado e os avanços a partir daí.

Eder Soares Santos

Foi uma honra, de fato, ter o prefácio do professor Loparic no livro. O doutorado acabou sendo uma expansão da pesquisa do mestrado. O tema da angústia acabou sendo incorporado dentro da pesquisa de doutoramento. Eu continuo interessado na questão das angústias, mas agora na forma da fenomenologia dos afetos em um aspecto mais amplo. É um tema que continua dentro dos interesses do doutorado também.

Porém, no doutorado o tema mudou um pouco, pois inclui um tema novo dentro da filosofia heideggeriana, que é a acontecência humana, que eu queria explorar.

E, em Winnicott, há outro tema, a natureza humana, que pode ser pensado também por meio da teoria do amadurecimento pessoal. O que uma coisa tem a ver com a outra, ou como uma coisa ilumina a outra? Esse era o propósito inicial do trabalho. Como pano de fundo, temos Thomas Kuhn para nos ajudar. E muito do trabalho do doutorado que desenvolvi eu devo ao professor Loparic. Devo muito ao trabalho que Loparic já vinha fazendo antes.

Comecei o doutorado em 2002. Mas desde a década de 1990, como você mesma mencionou, Daniela, Loparic vinha trabalhando em vários artigos, ressaltando várias relações, sobre a importância do trabalho de Winnicott e falando de Heidegger e Winnicott.

O foco da tese foi sistematizar muitos pontos e muitas ideias que já vinham sendo apresentadas e discutidas. A ideia inicial foi como Heidegger e Winnicott se aproximam e como Heidegger pode iluminar a teoria do amadurecimento humano. Depois, no decorrer do trabalho da tese, passei a me questionar: “Bom, o que a teoria do amadurecimento humano tem a dizer para a fenomenologia hermenêutica, ou seja, para Heidegger?”

Isso porque a própria teoria de Heidegger, a fenomenologia hermenêutica, sua analítica fundamental, deixa a desejar em alguns pontos. Ela não discute o *ser-aí*, esse ente que nós mesmos somos, em todos os aspectos que gostaríamos que fosse discutido. Desse modo, uma coisa parecia complementar a outra. Tanto é que, quando o livro foi publicado, saiu com o subtítulo *Aproximações e distanciamentos*.

Isso se deveu também a várias conversas com a professora Elsa Dias. Acabei chegando à conclusão de que não se tratava simplesmente de aproximar Heidegger de Winnicott, mas sim também de distanciá-los. Heidegger tem um termo interessante para isso [*Entfernung*], que não vem ao caso, que diz que em toda aproximação há um caráter de distância e em toda distância há um caráter de aproximação. Assim, ao aproximar Heidegger de Winnicott, era preciso também criar certa distância para poder ver o que estava acontecendo. Com a ajuda de Thomas Kuhn, consegui estabelecer uma diferença entre os paradigmas, consegui fazer uma aproximação de Winnicott com a posição pós-metafísica e com Heidegger, e consegui, parece, mostrar que a acontecência humana que Heidegger propõe em *Ser e tempo* tem relações com a natureza humana, conforme apresentada por Winnicott.

Claro, foi preciso tomar todos os devidos cuidados para não misturar as análises ônticas e ontológicas de ambos os autores e não confundir Heidegger com Winnicott. Ou seja, Winnicott também tem a contribuir para Heidegger, isto é, também podemos olhar Heidegger da perspectiva de Winnicott. Por fim, saiu um trabalho que acabou gerando o livro, que talvez seja uma das primeiras contribuições daquilo que falei, isto é, estudar Winnicott

conceitualmente mais do ponto de vista filosófico. Depois vieram outros trabalhos nesse sentido.

Daniela Guizzo

Vamos falar um pouquinho dos seus trabalhos mais recentes, Eder. O que destaquei para a entrevista de hoje é um de 2018. Chama-se “Temas filosóficos na psicanálise de Winnicott”, que você subdivide em três partes. Na primeira, você escreve sobre o ser e destaca o tema da ontologia do ser como uma possibilidade de existir.

Na segunda, fala sobre conhecer e criar, e descreve que conhecer tem um caráter modal e depende de um viver criativo. E, na parte final, você fala sobre a moralidade. Você afirma, e eu cito, “*Atingir a capacidade para sentir culpa é uma questão de saúde e não o símbolo da neurose de uma civilização*”. Fiquei impressionada com quantidade de conteúdo nesse artigo.

Acho que cada um desses conteúdos daria uma tese. A gente vê assim que é riquíssima a contribuição de Winnicott para esses temas tão caros. Vejo que você se coloca uma tarefa, como filósofo, de construir pontes entre a filosofia e a psicanálise winnicottiana. Mas neste seu artigo, vi que você tem uma vantagem nisso a que se propõe, que é a de construir essa ponte, ao encontrar em Winnicott um terreno muito fértil. Tanto é que no seu artigo fica muito claro como você está ali explorando e nadando de braçada nessas questões do ser, do criar, até mesmo da moralidade, pois você finaliza o artigo com a questão da moralidade. É isso mesmo? Foi esta sua intenção ao escrever o artigo? Queria que você falasse sobre isso para o público, esse que é um artigo recente, de 2018, nessa sequência que você fez sobre ser, sobre conhecer e criar, sobre a moralidade...

Eder Soares Santos

Sim, acho que o tema que mais me instiga na filosofia, de forma geral, é a ontologia. O estudo sobre o ser. E esse tema me instiga muito em Winnicott, porque ele fala sobre a continuidade de ser e sobre o sentido de ser. São temas difíceis de explorar. É um tema difícil de explorar na filosofia e difícil de explorar em Winnicott. Não foi explorado de forma devida na psicanálise winnicottiana.

Falar sobre ser é difícil, de modo que me interessa muito o assunto por si só. Neste artigo, e em outros a partir dele, acabei me sentindo um pouco mais à vontade para escrever. Tanto é que acaba parecendo mais um ensaio. Na verdade, é mais arriscado. Heidegger diz que quando se arrisca a pensar, pode-se errar e errar grande.

Assim, o artigo tem um pouco essa característica de “pode ser um grande erro”.

Mas acho que isso faz um pouco parte dessa tarefa do pensamento. Eu tentei, com este artigo, a partir do trabalho com o texto, começar a refletir, a partir do próprio Winnicott, qual

seria o conceito que está presente nele: O que é ser para Winnicott? O que é a continuidade de ser? O que é sentido de ser para Winnicott?

Com isso, quis mostrar que não só o tema do ser, mas que também o do conhecimento, do criar e da moralidade – vários dos temas filosóficos dentro da própria obra de Winnicott que precisam ser explorados. E podem ser explorados a partir da própria obra dele. É claro que se pode sempre recorrer a uma comparação ou à ajuda de uma outra filosofia para explorar esse tema.

Como eu mesmo já havia feito, muitas vezes recorro, por exemplo, a Heidegger; há outros colegas que recorrem a outros filósofos para tentar explicar o que Winnicott faz. Mas é possível, a partir do próprio início, tentar desdobrar o que Winnicott está querendo dizer e tentar construir ali um conceito filosófico a partir do que ele próprio fala, com as ferramentas que ele nos provê.

Essa foi a intenção do artigo. Agora, a parte final, da qual falei um pouco menos, é sobre a questão da moralidade. Há uma diferença marcante entre a posição de Winnicott e a de Freud. Porque a moralidade em Freud tem a ver com uma culpa que nós carregamos filogeneticamente, que está ligada aos nossos desejos mais primitivos, ao complexo de Édipo, e tudo o que isso implica.

É uma culpa má, uma culpa ruim que carregamos em nós, um peso. A marca dessa culpa é a neurose – Freud caracteriza isso em seus textos. Mas essa não é a posição de Winnicott quando ele pensa a moralidade. Do seu ponto de vista, nós não somos morais por causa de uma culpa, de algo ruim que carregamos filogeneticamente, de um mal que carregamos inconscientemente e nos leva a precisarmos ser morais.

Não é esse o ponto. Nós somos morais porque assumimos certa responsabilidade diante de certas ações que realizamos. Assumimos agir assim ou não diante de certos atos que praticamos. Isso se dá muito antes do complexo de Édipo, do ponto de vista de Winnicott. Está, antes, ligado à fase da posição depressiva. Está ligado ainda a uma relação dual, que diz respeito ao que se faz em relação ao outro. Não a uma relação triangular, pulsional. A posição que Winnicott coloca, de como constituímos nossa moralidade, não está ligada a um mal herdado pela civilização. Ela se constitui a partir de uma relação que temos com o outro, de algo que fizemos em relação ao outro e da oportunidade de repararmos essa ação em relação ao outro e de possibilitarmos ao outro receber esse gesto de reparação do que fizemos e de termos o retorno graças à ação do outro.

Há aqui uma outra posição para se pensar a moralidade. E então se pode pensar numa culpa que não é doentia, que é um sinal de saúde, não de doença. A moralidade não faz parte

de uma doença neurótica que temos que carregar ou que a civilização tem que carregar. Faz parte da saúde da sociedade podermos assumir a culpa e a responsabilidade por nossas ações e podermos reparar as ações que cometemos. É uma posição totalmente diferente para pensar.

Daniela Guizzo

Esse tema também é um dos que eu acho mais bonitos em Winnicott, quando ele escreve sobre bondade inata, sobre a crença em..., sobre a tendência inata para moralidade. São textos lindos. “Moral e educação”, por exemplo, é um texto muito legal mesmo.

Quero terminar essa entrevista falando sobre seus últimos trabalhos. Eu li o de 2019, “Desdobramentos filosóficos a partir de Winnicott”, no qual você faz uso da noção de cooriginação dependente. Li também “Paths of science of man in Heidegger”, com o qual você finalizou o livro, mostrando que a teoria de Winnicott, enquanto psicanálise aplicada, se apresenta como candidata para cumprir as exigências de uma ciência da experiência sem usar o jargão da fenomenologia de Heidegger.

Li também, para conversar com você, seu livro de 2021, que você organizou com a professora Caroline Vasconcelos, *Winnicott e a Filosofia*, para o qual escreveu “A ontologia original de Winnicott: Questão de Ser”. Achei muito bom, gostei muito de ler esse artigo. Você começa com um parágrafo muito claro: “A ontologia da psicanálise de Winnicott se deixa ler como um estudo da questão de ser. A questão de ser parece apontar para a preocupação principal de Heidegger em *Ser e tempo* a saber a questão do ser. No entanto, são questões diferentes. A questão do ser questiona pelo sentido do ser e a questão de ser questiona como um indivíduo chega a ser para poder ser capaz de colocar a questão pelo seu sentido.”

Obrigada, Éder, por esse artigo, por esse parágrafo tão claro para nós, psicólogos, pela forma com que você escreve. Mas, como última pergunta das tantas que eu tinha pensado em lhe fazer, gostaria que que você falasse sobre seu último artigo.

Você acaba de publicar agora, em 2022, um artigo chamado “Interação ambiental na psicanálise de Winnicott”, no qual apresenta, como alternativa para a pesquisa enativista, a abordagem de Winnicott sobre o conceito de ambiente. Eu nunca tinha ouvido falar sobre pesquisa enativista e queria que você falasse para a gente do que se trata e o que você apresenta de Winnicott como contribuição para pesquisa enativista.

Eder Soares Santos

Realmente não daria para a gente falar de todas essas coisas agora, tomaria muito tempo. Mas, de certa forma, tudo está um pouco ligado. Acho que o último artigo resume um tanto de todo esse trabalho que vem sendo feito. A pesquisa enativista, a abordagem enativista, como no geral se chama, surge na década de 1990, em especial com a pesquisa de Varela, Thompson e Rosch.

Ela se utiliza de várias influências da fenomenologia, do budismo, da biologia e da biologia ecológica, e surge como uma reação ao cognitivismo clássico e ao representacionalismo. Propõe pensar que não há divisão entre mente e corpo, e que nossas ações e percepções estão intimamente ligadas. Nós somos o nosso corpo; nossa mente não é um computador que tem entrada e saída de comandos, ou coisa assim.

Somos um conjunto ação-percepção e estamos ligados intimamente ao nosso ambiente, e, portanto, a questão do ambiente e a nossa interação com o ambiente são vitais para a compreensão daquilo que abordam os enativistas. Há muitas variações de correntes enativistas. O interessante do enativismo é que, a partir desse livro que Varela e colegas produziram, há uma crítica a Freud na mesma linha que nós, do Instituto Winnicott, de modo geral, criticamos, a saber: a crítica de que Freud faz parte de uma linha filosófica ligada à metafísica da modernidade, que tem como base a representação. Dessa forma, portanto, Freud e a psicanálise acabaram ficando de fora dos estudos do enativismo. Com isso, os enativistas têm abordado vários campos, como psiquiatria, neurologia, biologia inteligência artificial, mas não a psicanálise.

Mas isso me parece ser porque a partir do momento em que eles excluíram Freud, excluindo também a psicanálise junto, os enativistas que deram continuidade ao estudo dessa abordagem desconsideraram que a psicanálise não termina com o Freud. O interessante é que, lendo-se o trabalho dos enativistas, muitas coisas do que eles dizem têm ressonância ou têm muito a ver com o que Winnicott já dizia desde as décadas de 1940, 1950 – como a importância do ambiente, da interação da pessoa, do bebê, e o papel do ambiente na constituição de si, a integração para se tornar uma unidade, a necessidade de se pensar a relacionalidade, a relação, o dois-em-um da existência, como diz Loparic.

Assim, encontramos nos enativistas ideias que já vemos presentes no pensamento do Winnicott, que lembram ou que estão na base do seu pensamento. Qual foi a minha intenção no artigo? Primeiro, mostrar que a psicanálise pode ter um direito de existência, de interesse para a pesquisa enativista, que a crítica a Freud faz sentido (mas que a psicanálise, pensando na mudança de paradigmas, desenvolveu mudanças que estão próximas àquilo que o enativismo faz) e que Winnicott seria um psicanalista a ser olhado com mais interesse.

Essa é uma primeira aproximação. Mas há outra coisa nessa aproximação que me interessa também. É o seguinte: muitos pesquisadores têm mostrado que, a partir da abordagem enativista – e eles têm investido fortemente em pesquisas nos campos da psiquiatria e neurologia, feito pesquisas em laboratórios e gasto muito dinheiro nisso –, aquilo que Winnicott diz, no final das contas, está sendo estudado em outros campos de pesquisa e sendo provado

em laboratório de uma ou outra forma. Isso mostra para nós que assumir o paradigma winnicottiano faz todo o sentido.

Isso me interessa, tanto daqui para lá como de lá para cá. Interessa-me, porque faz com que a gente não fique simplesmente no nosso campo dizendo “A mudança de paradigma na psicanálise do Winnicott faz sentido”. Falamos muito dessa mudança, porém sempre em relação a Freud. É como se fosse um debate apenas dentro do campo da própria psicanálise, restrito a afirmar que “Mas a minha psicanálise é assim, foi assim...”, e não se sai desse campo e não se tem como mostrar provas, de certa forma, para além disso. Com a abordagem enativista, vemos que os pressupostos que Winnicott trabalhou desde a década de 1940 vão na mesma direção de abordagens recentes. E essas abordagens valem-se de pesquisas em vários campos da ciência, fazem pesquisas em laboratório e mostram que as pesquisas na direção da interação, da importância do ambiente, da relação com o outro, do cuidado com o outro, fazem todo o sentido.

Isto prova, por uma perspectiva diferente, que o que Winnicott estava fazendo nas décadas de 1950, 1960, 1970, faz todo sentido, ou seja, que aquilo que se faz na clínica winnicottiana se comprova em outros campos também, de outras formas. Logo, o paradigma winnicottiano se comprova também em outros campos. E isso me interessa muito. Não cheguei lá ainda, não avancei nesse sentido. Ainda estou trabalhando com alguns teóricos, assentando o conhecimento de base dessa abordagem. Não cheguei às pesquisas desses outros autores com dados clínicos de laboratório. Mas esse é o movimento que estou querendo fazer agora para mostrar que, daqui para lá e de lá para cá, o trabalho que se tem feito com o Winnicott, com o paradigma winnicottiano, se sustenta.

Daniela Guizzo

Sim, muito legal. Muito legal que você esteja levando Winnicott para esse campo de pesquisa, para esses pesquisadores, que talvez não conheçam o trabalho de Winnicott – da mesma forma que, na Unicamp, você levou os livros de Winnicott para a biblioteca. Você agora está levando Winnicott para esses lugares, muito legal. Devido ao adiantado do tempo, preciso encerrar nossa entrevista, mas eu queria muito agradecer sua participação no *Boletim Winnicott no Brasil* e reforçar para as pessoas que a sua autobiografia intelectual estará no *Boletim*, todos os seus artigos estarão lá descritos.

Queria também dizer para as pessoas que todos os seus artigos estão disponíveis gratuitamente na Internet. Tudo o que eu li qualquer pessoa pode entrar lá e ler. E queria lhe desejar uma boa noite e boa noite a todas as pessoas que nos acompanharam até aqui. Espero ter despertado o interesse por conhecerem e lerem seus artigos, que foram tão interessantes para

mim. Acredito que todo mundo aqui, a partir desta entrevista, terá interesse em ler seus trabalhos.

Muito obrigada.

Eder Soares Santos

Eu que agradeço a iniciativa, excelente trabalho que vocês têm feito no Instituto. Agradeço por seu trabalho também. Muito obrigado.